

ADILSON MOTA

A photograph of a quill pen resting in a dark inkwell on a wooden desk. In the background, a piece of paper with handwritten text is visible. The scene is lit from the side, creating strong shadows.

O ENIGMA DA
CANETA TINTEIRO

ADILSON MOTA

O ENIGMA DA
CANETA TINTEIRO

Conto de ficção

2021

O ENIGMA DA CANETA TINTEIRO

Essa é a história de uma amizade entre uma criança e um velho protagonizada por uma caneta-tinteiro.

Eu tenho 11 anos. Moro na beirada do Morro dos Coqueiros com a minha mãe. É uma casa simples, não muito grande, mas é boa e confortável. Tem coqueiros ao redor e uma grande mangueira no quintal. Na época de mangas, gosto de sentar nos seus galhos e chupar as mangas madurinhas. Minha mãe diz que eu não posso ficar muito tempo lá, porque muita manga pode dar dor de barriga. Uma vez, chupei tanta manga que de noite eu não consegui dormir direito. Tive que correr para o banheiro várias vezes, de piriri. Eu não sei por que uma coisa tão boa tem que fazer mal para a gente!

Ela diz que eu sou muito esperto e inteligente. Eu gosto de ir à escola. Lá tem o Tonhão e o Joca, meus amigos. Tem também a Aninha, a menina mais bonita do colégio.

Eu morava com a minha mãe numa cidade grande, mas minha mãe disse que lá tinha muita violência, muito estresse. Então viemos para cá há um ano.

Eu gosto daqui. Moro pertinho de uma matinha. Mas eu nunca fui lá, minha mãe diz que pode ter bicho.

Ah, eu esqueci de me apresentar. Meu nome é João.

João é um menino como tantos outros que gosta de brincar, correr, subir em árvores, soltar pipa, nadar e adora fazer peraltices.

Hoje vou com minha mãe para a prainha. É que aqui pertinho tem um rio de águas clarinhas. Na beirada é raso e tem uma lagoa onde eu gosto de tomar banho e brincar com meus amigos. Eu gosto também de sentar na sombra das árvores e ficar olhando a paisagem. É muito lindo!

Os nativos batizaram o rio com o nome de Rio da Sorte. Tem uns montes do outro lado do rio e o vento leve que passa é bem refrescante. Tem uma hora do dia em que a água fica azulzinha. De vez em quando passa um pescador de barco que acena para quem estiver na margem. As pessoas da região são bastante amigáveis.

Aqui tem também pássaros, muitas espécies de pássaros que voam sobre a água, bem baixinho, e quando menos se espera, eles... nha! Mergulham e pegam um peixe com o bico. Eu já vi um levar um peixe para o ninho para alimentar os filhotes que estavam num pé de caju.

Esqueci de dizer que aqui tem também uns cajueiros que dão caju muito doce. Eu adoro tudo por aqui. Nadar, chupar caju, manga, umbu, pescar, ver a natureza... Melhor ainda quando meus amigos estão comigo.

Sentamos sob a sombra de um cajueiro carregadinho de caju amarelinho. Minha mãe trouxe uma cesta com uns lanches muito gostosos. Forrou o chão com uma toalha colorida e ali ficamos. Meu amigo Joca estava com a gente.

Foi uma tarde muito alegre. Brincamos muito com uma bola que Joca levou. Eu já me tornei o craque da região. Todo mundo me quer no time.

Quando já estava cansado, deitei na areia e fiquei olhando e imaginando como seria a matinha. Teria frutas lá dentro? Que animais teria por lá? Será que lá mora alguém? Eu sempre tive vontade de entrar naquela mata, mas minha mãe não deixa.

Fiquei ali deitado, olhando. Ela parecia me chamar. Dava para ouvir os passarinhos cantando. Aproveitei que a minha mãe estava distraída, tomando sol de olhos fechados e resolvi ir ver de perto. Chamei Joca que topou depois de dar a perceber que estava morrendo de medo. Os meninos contavam que lá vivia um velho que raptava crianças.

Caminhamos na direção da matinha e vi que havia um estreito braço do rio que seguia mata adentro. Havia também uma espécie de trilha provavelmente aberta por alguém que já andou por ali, talvez um caçador.

Seguimos por ela. Andamos uns vinte minutos e chegamos a uma espécie de clareira. No centro havia uma pequena, mas muito charmosa casa. Ficava escondida atrás de umas árvores grandes e de uns arbustos, quase não dava para ser percebida. Um alpendre com uma rede pendurada, um jardim que rodeava toda a casa espalhando um delicioso perfume. Eram flores de todas as cores e formas, o que tornava a casa mais convidativa ainda. Seguimos em sua direção e como não vimos ninguém, sentamo-nos nos degraus de entrada. Tirei uns biscoitos do bolso (minha mãe que fez), dividi com Joca e comi enquanto observava a natureza ao redor. Tudo ali era bonito. A maneira como as árvores se 'arrumavam' ao redor da casa. O pequeno braço de rio que devia fornecer água limpa para quem morava ali parecia driblar as árvores e as pedras voltejando de modo gracioso aqui e ali refletindo a luz brilhante do sol. O gorjeio dos pássaros com a sua cantoria

alegre enquanto bicavam as frutinhas maduras nos galhos das árvores era bonito de se ver e ouvir.

Meus olhos e ouvidos atentos àquela bela sinfonia de cores e sons da natureza não me deixaram perceber que algo nos observava por entre a folhagem. Ele se aproximou devagar e perguntou:

- O que fazem aqui?

Levantei de um salto e soltei um grito, tão absorvido estava em mim mesmo.

- Sou João, sou João - disse eu entre assustado e apressado.

Olhei para Joca que estava pálido.

Passei a respirar mais compassadamente, o coração que estava na boca foi voltando ao peito.

Olhei aquela pessoa de alto a baixo. Era um senhor de cabelos branquinhos, barba igualmente branca, olhos vivos, aparentava uns 60 anos. Usava um chapéu engraçado e sorria para nós.

Relaxeí, enfim.

Ele disse:

- Não precisam se assustar. O que faz aqui, João?

- A gente só estava passando, conhecendo a mata. Já tamo indo. Vamo, Joca!

Joca, apressado, já estava voltando à trilha que levava de volta à praia. Porém, algo me segurava ali. Aquele senhor tinha um sorriso acolhedor e nada havia nele de assustador.

- Fiquem! Devem estar com fome. Tenho um lanche aqui para vocês.

Parece que ele falou a palavra mágica. Tanto João quanto Joca voltaram imediatamente.

- Comam um pedaço de bolo. Eu mesmo que fiz há pouco, ainda está quentinho. Fiz com as frutas que colhi essa manhã. Fiz um suco também com uns cajás que encontrei na mata.

Devoramos, eu e o Joca, o bolo e o suco com a fome de um pré-adolescente em fase de crescimento. Talvez o medo tenha aumentado a nossa fome. Depois agradecemos e nos despedimos com a promessa de retornar. Os dois meninos voltaram para a praia onde a mãe de João os esperava.

Na semana seguinte, João fez uma nova visita à casa daquele simpático senhor de chapéu engraçado. Ele o convidou a entrar na casa.

O interior da casa era bem simples. Alguns móveis e cadeiras rústicos rodeando uma mesa de madeira maciça. Um pequeno sofá e uma poltrona que parecia bem confortáveis. Da sala, enquanto saboreava uma deliciosa geleia de morango caseira, avistei um pequeno cômodo onde dava para ver uma mesinha com uma cadeira encostada. Em cima da pequena mesa, me chamou a atenção um objeto que parecia uma pena com a ponta mergulhada num potinho de vidro com uma tinta escura. Curioso, me levantei e fui até lá e fiquei observando aquele estranho objeto. Umhas folhas de papel em branco também se encontravam alinhadas em cima da mesa. No chão, ao pé da mesa um lixeiro com várias folhas de papel amassadas.

Seu Jamisson – esse era o nome do velho – se aproximou de mim, talvez atraído pela minha curiosidade. Fui logo perguntando:

- O que é isso? Para que serve?

- Isso é uma caneta-tinteiro e serve para escrever. É como uma caneta, sabe? É que eu sou escritor.

Eu que estava acostumado a usar computador e aplicativos achei estranho um escritor não usar pelo menos uma caneta normal. Como se adivinhasse a minha surpresa, foi logo dizendo:

- Tem um valor sentimental, era do meu pai que a usava para escrever as coisas dele. Eu não gosto de computadores, prefiro a escrita manual. Para mim é mais autêntico.

Eu entendi, mas continuei sem compreender.

- Como funciona? Perguntei ainda.

- É assim, olha só. Eu pego a caneta... a pena e mergulho a ponta na tinta. Depois eu escrevo assim. Viu só como a letra fica linda?

Realmente a letra era muito mais bonita do que a minha quando escrevia no meu caderno da escola.

Como já estava ficando tarde, fui embora, mas voltei lá diversas outras vezes o que fez iniciar uma bela e inesperada amizade entre duas pessoas de gerações bem diferentes.

Numa das visitas sempre regadas a alguma guloseima, S. Jamisson contou a João sobre a sua carreira de escritor.

- O que o senhor escreve? Livros, romances?

- Eu escrevo livros, disse S. Jamisson.
- Romance policial? Tem luta? Super herói?
- Não, eu prefiro escrever sobre a vida, sobre conhecimentos. Mas já não escrevo mais nada.
- Como assim? O senhor não gosta mais de escrever?
- Eu gosto sim, mas acho que a fonte secou. Eu tento, mas não sai mais nada. Sabe uma laranja que você espreme para fazer suco? Eu me sinto como uma laranja espremida que só tem o bagaço e nenhum suco.

Jamisson disse isso com um certo ar de tristeza que eu percebi em seu olhar.

Neste dia voltei para casa pensativo. Queria ajudar meu amigo, mas não sabia como. De onde vem a inspiração dos escritores e artistas?

Voltei para casa caminhando devagar, cheguei em minha casa já com o sol começando a se esconder atrás dos montes. Minha mãe ralhou comigo. Disse que é perigoso estar por aí àquela hora. Sentei-me no batente da varanda e fiquei a olhar para o céu pintado de laranja criando um visual todo especial.

Lembrei de S. Jamisson e sua comparação com uma laranja chupada, que não tinha mais caldo.

João interpretou aquele céu como um sinal de que o bagaço da laranja do seu amigo poderia se transformar em um céu colorido e brilhante. Naquela noite, ao dormir, ele sonhou. No seu sonho, havia canetas tinteiro de diversas cores e formatos. Uma delas lhe chamou a atenção: a tinta era cor de laranja. Ao acordar, lembrava-se do sonho que lhe parecia

muito confuso e sem sentido. Mas sabia que tinha a ver com o velho da matinha.

À tarde, depois de realizar seus deveres escolares e algumas tarefas ordenadas por sua mãe, foi correndo à casa de S. Jamisson. Queria contar-lhe sobre o sonho. S. Jamisson ouviu com atenção aquele sonho esdrúxulo e confessou também não saber o seu significado. Algo lhe dizia, porém, que tinha algo a ver com a sua caneta tinteiro.

- S. Jamisson, por que o senhor usa até hoje a caneta tinteiro do seu pai?, perguntou João.

- Ela tem um significado todo especial para mim. Meu pai também pensava assim e foi ele quem me ensinou. Para mim, a pena representa a inteligência e o tinteiro a emoção. A pena só produz quando mergulhada na tinta, assim como a inteligência deve sempre banhar-se na emoção e nos sentimentos de modo a que os conhecimentos tenham vida, entende?

- Você sabe por que eu vim morar aqui, João?

- Uhn, uhn! Falou João balançando a cabeça negativamente.

Eu, assim como você, também morava na cidade grande. Eu não conseguia escrever mais nada. O que saía da minha cabeça eram coisas estéreis, sem vida, entendeu? Então vim morar aqui, neste recanto, buscando inspiração.

Jamisson buscava nos novos ares ideias novas que pudessem ser inspiradas por aquele pedacinho de natureza, onde o estresse não tivesse espaço e os pensamentos pudessem fluir com mais facilidade. A verdade, todavia, é que nunca mais conseguiu escrever nada aproveitável, apesar de viver num paraíso.

João vez ou outra visitava o S. Jamisson, fortalecendo vagarosa mas seguramente – como deve ser toda amizade verdadeira - cada dia mais os laços de amizade entre ambos. Assim crescia a confiança entre eles.

Naquele dia, resolvi visitar meu amigo e levar-lhe um bolo que a minha mãe fez, o meu favorito. Dei de presente a S. Jamisson. Ele ficou muito feliz com aquele singelo gesto.

Ao relancear o olhar pelo ambiente, percebi que a caneta tinteiro não se encontrava no lugar de sempre.

- Ah, eu guardei. Não serve para mais nada!

- Mas o senhor não pode desistir. Tem certeza que já tentou tudo?

- Claro! Estou vivendo aqui há muito tempo e nada. Percebo agora que não é o lugar, nem o modo de viver que constituem...

Eu não entendia muito bem o que ele estava tentando me dizer com aquela linguagem de adulto, mas eu ouvia com atenção, afinal, ele é meu amigo, merece ser ouvido com respeito e atenção, até porque ele só tem a mim para ouvi-lo.

- Acho que tudo está dentro de nós. As ideias estão na mente. Sempre que me sentei para escrever percebia que as ideias estavam aqui dentro! E apontou para a cabeça.

- Já tentou tirar as ideias da alma, ao invés da cabeça?

Não sei por que falei isso, mas pareceu uma ideia bem inteligente.

- Lembra da caneta tinteiro? Você disse que a emoção é a base em que o intelecto se fundamenta. Então?! Até agora você escreveu com a cabeça.

E Jamisson, como se uma grande lâmpada de led tivesse iluminado seu cérebro:

- É!!!! É isso! Posso escrever sobre meus sentimentos e emoções, minhas experiências! Essa natureza linda e mesmo a cidade grande onde vivi me proporcionaram tantas emoções! Já são tantos anos de vida! Vou buscar no coração a nova inspiração. Você desvendou o enigma!

Eu já não estava entendendo mais o que ele falava, mas eu estava muito contente pelo meu amigo. Eu sorria enquanto seus olhos estavam marejados. Acho que de felicidade! Eu não entendo direito os adultos.

E assim iniciou-se uma nova fase para o escritor Jamisson Freitas, na qual tudo lhe servia de inspiração. Continuou morando na matinha ao lado do Morro dos Coqueiros e da prainha onde João e seu amigo Joca tanto gostavam de pescar e de nadar. Ele, que antes pouco se motivava a sair da matinha, agora fazia longas caminhadas pela praia, pelas dunas e até pelo centro comercial do vilarejo. Tudo lhe servia de inspiração. Escrevia sobre os costumes locais, sobre a vida dos pescadores e a alegria das crianças do lugar. O canto dos pássaros que antes ele apenas ouvia com os ouvidos, agora era ouvido com o coração e isso lhe extasiava. Suas experiências de vida na cidade grande foram motivo de muitos contos, o corre-corre e a vida frenética das pessoas, o barulho intenso em confronto com a algazarra que os passarinhos faziam nas árvores da matinha quando comiam os saborosos frutinhas.

Ah! A vida para ele parecia tão maior! Tão mais vasta! Era como se tivesse descoberto uma nova gama de cores, um novo arco-íris de cores fantásticas e reluzentes. Era como se seus sentidos tivessem alcançado um novo patamar de percepções. Um pingo de chuva numa folha verde do abacateiro pela manhã era motivo suficiente para uma nova história a ser escrita, da mesma forma que seria motivo suficiente para um grande compositor ou pintor criar suas obras primas.

A caneta tinteiro nunca mais parou. A mente e o coração agora estavam ligados como quando unimos dois fios fazendo girar a turbina da imaginação e da criatividade, criando mais vida e retroalimentando-se.

As crianças sabem das coisas, só não conseguem expressar corretamente o que sabem e sentem. É preciso escutá-las com ouvidos diferentes, com ouvidos de amor e afeto.

João e Jamisson continuaram amigos e vez em quando se visitavam compartilhando sonhos, ideias e algumas guloseimas.

Com o tempo, aprenderam a falar a mesma linguagem, o que tornou as conversas mais ricas e profundas. A amizade fecunda e verdadeira entre o velho e a criança criou um sistema de comunicação rico de amor, de emoção e alegria, onde nem sempre a palavra era necessária, onde o olhar, a intuição, o gesto e as sensações eram parte integrante do modo de relação deles.

F I M